

# {k0} - Apostas Online Mega da Virada

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

---

## Famoso fotógrafo de Alain Delon {k0} 1967 revela {k0} beleza incomparável

Existe uma famosa {img}grafia de Alain Delon {k0} 1967, sentado {k0} um sofá ao lado de Marianne Faithfull, com um tímido Mick Jagger do outro lado dela, supostamente tirada {k0} torno do tempo {k0} que Faithfull estava prestes a estrelar {k0} The Girl on a Motorcycle, {k0} que Faithfull modelou um sleek leather body suit que o personagem de Delon teria grande prazer {k0} desabotoar. Faithfull está inclinando-se intimamente enquanto Delon murmura para ela, rindo, iluminado {k0} {k0} presença, com seu linguajar corporal inteiramente envolvido {k0} seu. Jagger pode apenas olhar para baixo inquietamente para seu cigarro. Mais tarde, Faithfull diria que ela não gostava de Delon nada, mas confirmou que Jagger estava muito ciumento.

Seja como for, é difícil pensar {k0} alguém que, pelo menos por um instante, pudesse ter superado Jagger nesse momento, que pudesse ter atraído o olhar de Faithfull e as câmeras de imprensa para si. E essa é Delon, {k0} toda a {k0} estranha, aterrorizante, quase extraterrestre beleza. Ele foi um dos mais - talvez o mais - belos astros masculinos do cinema {k0} toda a história.

### {img}grafia: Moviestore Collection/Alamy

Delon tinha um olhar hipnoticamente demure, com longos cílios e um olhar quase felino que poderia indicar algo misterioso, ferido ou maléfico, e era muito diferente da beleza mais franca de Paul Newman ou Robert Redford - e Delon nunca fez sucesso {k0} Hollywood. Ele tinha um carisma inexplicável para acompanhar {k0} beleza, o perigoso aparente passividade e quietude de um predador, e foi isso que o fez ser escalado para alguns dos filmes de crime mais fascinantes da era (por diretores franceses René Clément, Jacques Deray e Jean-Pierre Melville) bem como o novo cinema de arte italiano de Visconti e Antonioni. Ele era um homem duro e nada afeminado, mas foi {k0} face impressionante que o fez uma figura exótica {k0} histórias de trabalhadores ou dramas de baixo nível.

E foi isso que nos mostrou o efeito aprisionante da grande beleza, um lugar-comum para estrelas femininas, mas raro para homens. Significativamente, seu primeiro crédito de filme foi {k0} um caper de crime de 1958, ao lado de outro novato Jean-Paul Belmondo, chamado Sois Belle et Tais-Toi (Seja Bonita e Cala a Boca) - uma ordem normalmente dirigida a uma mulher nessa idade sexista. A beleza de Delon impôs uma quietude nele, um crescente sentido de que a radiação de seu glamour seria mais forte quando ele estivesse imóvel e simplesmente deixasse que essa face incrível tivesse seu efeito na câmera.

### {img}grafia: Ronald Grant

Em seu filme de estreia, Delon interpretou Rocco {k0} Rocco e Seus Irmãos de Visconti {k0} 1960. Ele é o irmão que vem a Milão para estar com seus irmãos e iniciar uma nova vida aspiracional na suposta capital da prosperidade, mas acaba tragicamente sacrificando seu próprio bem-estar por seus irmãos - especialmente {k0} perseguir uma carreira no ringue, onde, como o público certamente saberia, esse belo rosto seria rapidamente danificado. Em O Leopardo (1963), de Visconti, baseado no romance de Lampedusa, Delon foi o belo e patricio Tancredi, herdeiro do turbulento e complexo Príncipe de Salina de Burt Lancaster.

Um papel mais icônico de Delon veio no mesmo ano de Rocco: Tom Ripley {k0} Plein Soleil, ou Purple Noon, a adaptação de Patricia Highsmith de The Talented Mr Ripley, a história de um sociopata e assassino com uma habilidade estranha de imitar pessoas. Sempre achei que a perfeição sobrenatural de Delon é assustadora de si mesma, como se ele estivesse imitando um ser humano. Este é um homem, você pensa, que se acostumou a uma expressão adormecida, rapt {k0} faces de pessoas que falam com ele, acostumado à {k0} submissão admirativa, e ainda com um insight diabólico {k0} como essa magnetismo pode ser usado para manipular e coagir. O Ripley de Delon é um retrato de Dorian Gray de beleza masculina e despreocupação audaciosa, sem perturbação da consciência. Ele foi comparativamente frio e autocontido {k0} Deray's psychological thriller La Piscine, ou The Swimming Pool, {k0} que a face de Delon poderia ser ela mesma um pool: apenas uma calmaria ondulante ou agitada com violência. Ele foi igualmente enigmático e difícil {k0} Antonioni's L'Eclisse (The Eclipse) {k0} 1962, como o nervoso e vaidoso jovem corretor de valores que embarca {k0} um caso com Monica Vitti (uma das poucas co-estrelas femininas que podiam corresponder à beleza e recusa de Delon para revelar uma vida emocional interior). Malle aproveitou a estranheza de Delon ao escalá-lo no conto "William Wilson" do doppelganger de seu filme de antologia Spirits of the Dead {k0} 1968.

## {img}grafia: Allstar/Cinetext/New Yorker

Mas foi nos filmes de crime de Melville que a imagem de Delon se tornou mais icônica: clarificada, ou possivelmente paralisada por seu próprio senso de {k0} imagem. Ele estrelou Le Samouraï (1967), The Red Circle (1970) e o subestimado Un Flic (1972). Em os dois primeiros deles, ele é o vilão, no terceiro o oficial de polícia, mas sempre com essa posse impassível e enigmaticamente enclausurada.

Em Le Samouraï, ele é o assassino frio e sem sorriso com o nome anglicizado de Jef (apenas um "f") Costello {k0} um trenchcoat de Bogart, mas a comparação termina por aí. Este assassino tem uma vocação monástica para matar e há algo ascético {k0} Costello que corresponde à vontade de Delon de simplesmente impressionar {k0} personalidade na câmera, como um ator de filme mudo. Ele é reservado nos outros dois filmes também, especialmente como o policial endurecido que só realmente vem à vida quando responde a um chamado no rádio de seu carro de polícia.

Minha votação, no entanto, para o melhor papel de Delon e o maior logro de Delon é um que cresceu fora dos papéis enigmáticos de crime {k0} que ele havia se evoluído na década de 1960 e 70: o mistério doppelganger de Kafka de Joseph Losey, Monsieur Klein de 1976. (Foi submetido à competição {k0} Cannes, perdendo para o Taxi Driver de Scorsese.)

Delon produziu o filme e interpretou Klein, um rico traficante de arte {k0} Paris ocupada com um belo apartamento, uma amante bonita e um elegante círculo de amigos. Ele não tem grandes problemas com os nazistas, especialmente porque eles estão impulsionando seu negócio. Pessoas judias assustadas estão vindo a ele, oferecendo pinturas para venda para financiar {k0} fuga da França, e Klein explora {k0} desesperação para obter barganhas. Mas então ele começa a receber um jornal judeu entregue à {k0} porta: claramente alguém com o mesmo nome dele, um judeu, e um terrível erro foi cometido ... não foi? Ou é alguém tentando desacreditá-lo? Klein vai à polícia para apontar isso, mas então se preocupa {k0} pensar que ele mesmo é um judeu e que isso é uma dupla confusão.

Seus problemas com a autoridade aumentam: ele é incapaz de se queixar com força devido ao medo de que isso apenas o fará parecer culpado. Eventualmente, ele é levado na rodada - uma das representações mais perturbadoras e plausíveis desse vergonhoso episódio histórico francês na tela.

Da mesma forma que o assassino {k0} Le Samouraï, Klein é autocontido e afastado. Cerca de uma década depois do clássico de crime de Melville, a impassibilidade de Delon alcançou algo refinado e mandarim-like, mas moralmente comprometido. Há um gênio {k0} {k0} performance

quando ele efetivamente humilha um cliente judeu, obtendo uma imagem barata e, no caminho, este homem aponta a notícia na {k0} esteira - como as que ele mesmo recebe. A face de Delon pisca com medo, surpresa, desgosto, pânico e um claro sentido de que traí-lo qualquer emoção seria uma derrota. De certa forma, isso é seu mestre.

A carreira de Delon foi prolífica e ele teve muitos papéis: talvez seja necessário mencionar seu papel maduro como o epicurista idoso e cantankerous Baron de Charlus {k0} Swann {k0} Love de Volker Schlöndorff {k0} 1984; escalada ingênua, embora Delon não estivesse inteiramente à vontade no papel. Nos últimos anos, Alain Delon tornou-se notório por {k0} admiração macabra pela política de extrema direita do Front National e (como Sean Connery) por algumas declarações odiosas sobre bater {k0} mulheres. Mas ele se redimiou politicamente por seu apoio a Losey e o estudo do antissemitismo que foi Monsieur Klein. Ele era um ícone e um símbolo da beleza perdida dos anos 60.

---

## Partilha de casos

### Famoso fotógrafo de Alain Delon {k0} 1967 revela {k0} beleza incomparável

Existe uma famosa {img}grafia de Alain Delon {k0} 1967, sentado {k0} um sofá ao lado de Marianne Faithfull, com um tímido Mick Jagger do outro lado dela, supostamente tirada {k0} torno do tempo {k0} que Faithfull estava prestes a estrelar {k0} The Girl on a Motorcycle, {k0} que Faithfull modelou um sleek leather body suit que o personagem de Delon teria grande prazer {k0} desabotoar. Faithfull está inclinando-se intimamente enquanto Delon murmura para ela, rindo, iluminado {k0} {k0} presença, com seu linguajar corporal inteiramente envolvido {k0} seu. Jagger pode apenas olhar para baixo inquietamente para seu cigarro. Mais tarde, Faithfull diria que ela não gostava de Delon nada, mas confirmou que Jagger estava muito ciumento.

Seja como for, é difícil pensar {k0} alguém que, pelo menos por um instante, pudesse ter superado Jagger nesse momento, que pudesse ter atraído o olhar de Faithfull e as câmeras de imprensa para si. E essa é Delon, {k0} toda a {k0} estranha, aterrorizante, quase extraterrestre beleza. Ele foi um dos mais - talvez o mais - belos astros masculinos do cinema {k0} toda a história.

#### {img}grafia: Moviestore Collection/Alamy

Delon tinha um olhar hipnoticamente demure, com longos cílios e um olhar quase felino que poderia indicar algo misterioso, ferido ou maléfico, e era muito diferente da beleza mais franca de Paul Newman ou Robert Redford - e Delon nunca fez sucesso {k0} Hollywood. Ele tinha um carisma inexplicável para acompanhar {k0} beleza, o perigoso aparente passividade e quietude de um predador, e foi isso que o fez ser escalado para alguns dos filmes de crime mais fascinantes da era (por diretores franceses René Clément, Jacques Deray e Jean-Pierre Melville) bem como o novo cinema de arte italiano de Visconti e Antonioni. Ele era um homem duro e nada afeminado, mas foi {k0} face impressionante que o fez uma figura exótica {k0} histórias de trabalhadores ou dramas de baixo nível.

E foi isso que nos mostrou o efeito aprisionante da grande beleza, um lugar-comum para estrelas femininas, mas raro para homens. Significativamente, seu primeiro crédito de filme foi {k0} um caper de crime de 1958, ao lado de outro novato Jean-Paul Belmondo, chamado Sois Belle et Tais-Toi (Seja Bonita e Cala a Boca) - uma ordem normalmente dirigida a uma mulher nessa idade sexista. A beleza de Delon impôs uma quietude nele, um crescente sentido de que a radiação de seu glamour seria mais forte quando ele estivesse imóvel e simplesmente deixasse que essa face incrível tivesse seu efeito na câmera.

## {img}grafia: Ronald Grant

Em seu filme de estreia, Delon interpretou Rocco {k0} Rocco e Seus Irmãos de Visconti {k0} 1960. Ele é o irmão que vem a Milão para estar com seus irmãos e iniciar uma nova vida aspiracional na suposta capital da prosperidade, mas acaba tragicamente sacrificando seu próprio bem-estar por seus irmãos - especialmente {k0} perseguir uma carreira no ringue, onde, como o público certamente saberia, esse belo rosto seria rapidamente danificado. Em O Leopardo (1963), de Visconti, baseado no romance de Lampedusa, Delon foi o belo e patricio Tancredi, herdeiro do turbulento e complexo Príncipe de Salina de Burt Lancaster.

Um papel mais icônico de Delon veio no mesmo ano de Rocco: Tom Ripley {k0} Plein Soleil, ou Purple Noon, a adaptação de Patricia Highsmith de The Talented Mr Ripley, a história de um sociopata e assassino com uma habilidade estranha de imitar pessoas. Sempre achei que a perfeição sobrenatural de Delon é assustadora de si mesma, como se ele estivesse imitando um ser humano. Este é um homem, você pensa, que se acostumou a uma expressão adormecida, rapt {k0} faces de pessoas que falam com ele, acostumado à {k0} submissão admirativa, e ainda com um insight diabólico {k0} como essa magnetismo pode ser usado para manipular e coagir.

O Ripley de Delon é um retrato de Dorian Gray de beleza masculina e despreocupação audaciosa, sem perturbação da consciência. Ele foi comparativamente frio e autocontido {k0} Deray's psychological thriller La Piscine, ou The Swimming Pool, {k0} que a face de Delon poderia ser ela mesma um pool: apenas uma calma ondulante ou agitada com violência.

Ele foi igualmente enigmático e difícil {k0} Antonioni's L'Eclisse (The Eclipse) {k0} 1962, como o nervoso e vaidoso jovem corretor de valores que embarca {k0} um caso com Monica Vitti (uma das poucas co-estrelas femininas que podiam corresponder à beleza e recusa de Delon para revelar uma vida emocional interior). Malle aproveitou a estranheza de Delon ao escalá-lo no conto "William Wilson" do doppelganger de seu filme de antologia Spirits of the Dead {k0} 1968.

## {img}grafia: Allstar/Cinetext/New Yorker

Mas foi nos filmes de crime de Melville que a imagem de Delon se tornou mais icônica: clarificada, ou possivelmente paralisada por seu próprio senso de {k0} imagem. Ele estrelou Le Samourai (1967), The Red Circle (1970) e o subestimado Un Flic (1972). Em os dois primeiros deles, ele é o vilão, no terceiro o oficial de polícia, mas sempre com essa posse impassível e enigmaticamente enclausurada.

Em Le Samourai, ele é o assassino frio e sem sorriso com o nome anglicizado de Jef (apenas um "f") Costello {k0} um trenchcoat de Bogart, mas a comparação termina por aí. Este assassino tem uma vocação monástica para matar e há algo ascético {k0} Costello que corresponde à vontade de Delon de simplesmente impressionar {k0} personalidade na câmera, como um ator de filme mudo. Ele é reservado nos outros dois filmes também, especialmente como o policial endurecido que só realmente vem à vida quando responde a um chamado no rádio de seu carro de polícia.

Minha votação, no entanto, para o melhor papel de Delon e o maior logro de Delon é um que cresceu fora dos papéis enigmáticos de crime {k0} que ele havia se evoluído na década de 1960 e 70: o mistério doppelganger de Kafka de Joseph Losey, Monsieur Klein de 1976. (Foi submetido à competição {k0} Cannes, perdendo para o Taxi Driver de Scorsese.)

Delon produziu o filme e interpretou Klein, um rico traficante de arte {k0} Paris ocupada com um belo apartamento, uma amante bonita e um elegante círculo de amigos. Ele não tem grandes problemas com os nazistas, especialmente porque eles estão impulsionando seu negócio. Pessoas judias assustadas estão vindo a ele, oferecendo pinturas para venda para financiar {k0} fuga da França, e Klein explora {k0} desesperação para obter barganhas. Mas então ele começa a receber um jornal judeu entregue à {k0} porta: claramente alguém com o mesmo nome dele, um judeu, e um terrível erro foi cometido ... não foi? Ou é alguém tentando desacreditá-lo? Klein

vai à polícia para apontar isso, mas então se preocupa {k0} pensar que ele mesmo é um judeu e que isso é uma dupla confusão.

Seus problemas com a autoridade aumentam: ele é incapaz de se queixar com força devido ao medo de que isso apenas o fará parecer culpado. Eventualmente, ele é levado na rodada - uma das representações mais perturbadoras e plausíveis desse vergonhoso episódio histórico francês na tela.

Da mesma forma que o assassino {k0} Le Samouraï, Klein é autocontido e afastado. Cerca de uma década depois do clássico de crime de Melville, a impassibilidade de Delon alcançou algo refinado e mandarim-like, mas moralmente comprometido. Há um gênio {k0} {k0} performance quando ele efetivamente humilha um cliente judeu, obtendo uma imagem barata e, no caminho, este homem aponta a notícia na {k0} esteira - como as que ele mesmo recebe. A face de Delon pisca com medo, surpresa, desgosto, pânico e um claro sentido de que traí-lo qualquer emoção seria uma derrota. De certa forma, isso é seu mestre.

A carreira de Delon foi prolífica e ele teve muitos papéis: talvez seja necessário mencionar seu papel maduro como o epicurista idoso e cantankerous Baron de Charlus {k0} Swann {k0} Love de Volker Schlöndorff {k0} 1984; escalada ingênua, embora Delon não estivesse inteiramente à vontade no papel. Nos últimos anos, Alain Delon tornou-se notório por {k0} admiração macabra pela política de extrema direita do Front National e (como Sean Connery) por algumas declarações odiosas sobre bater {k0} mulheres. Mas ele se redimiou politicamente por seu apoio a Losey e o estudo do antissemitismo que foi Monsieur Klein. Ele era um ícone e um símbolo da beleza perdida dos anos 60.

---

## Expanda pontos de conhecimento

### Famoso fotógrafo de Alain Delon {k0} 1967 revela {k0} beleza incomparável

Existe uma famosa {img}grafia de Alain Delon {k0} 1967, sentado {k0} um sofá ao lado de Marianne Faithfull, com um tímido Mick Jagger do outro lado dela, supostamente tirada {k0} torno do tempo {k0} que Faithfull estava prestes a estrelar {k0} The Girl on a Motorcycle, {k0} que Faithfull modelou um sleek leather body suit que o personagem de Delon teria grande prazer {k0} desabotoar. Faithfull está inclinando-se intimamente enquanto Delon murmura para ela, rindo, iluminado {k0} {k0} presença, com seu linguajar corporal inteiramente envolvido {k0} seu. Jagger pode apenas olhar para baixo inquietamente para seu cigarro. Mais tarde, Faithfull diria que ela não gostava de Delon nada, mas confirmou que Jagger estava muito ciumento.

Seja como for, é difícil pensar {k0} alguém que, pelo menos por um instante, pudesse ter superado Jagger nesse momento, que pudesse ter atraído o olhar de Faithfull e as câmeras de imprensa para si. E essa é Delon, {k0} toda a {k0} estranha, aterrorizante, quase extraterrestre beleza. Ele foi um dos mais - talvez o mais - belos astros masculinos do cinema {k0} toda a história.

#### {img}grafia: Moviestore Collection/Alamy

Delon tinha um olhar hipnoticamente demure, com longos cílios e um olhar quase felino que poderia indicar algo misterioso, ferido ou maléfico, e era muito diferente da beleza mais franca de Paul Newman ou Robert Redford - e Delon nunca fez sucesso {k0} Hollywood. Ele tinha um carisma inexplicável para acompanhar {k0} beleza, o perigoso aparente passividade e quietude de um predador, e foi isso que o fez ser escalado para alguns dos filmes de crime mais fascinantes da era (por diretores franceses René Clément, Jacques Deray e Jean-Pierre Melville) bem como o novo cinema de arte italiano de Visconti e Antonioni. Ele era um homem duro e nada afeminado, mas foi {k0} face impressionante que o fez uma figura exótica {k0} histórias de

trabalhadores ou dramas de baixo nível.

E foi isso que nos mostrou o efeito aprisionante da grande beleza, um lugar-comum para estrelas femininas, mas raro para homens. Significativamente, seu primeiro crédito de filme foi **{k0}** um caper de crime de 1958, ao lado de outro novato Jean-Paul Belmondo, chamado Sois Belle et Tais-Toi (Seja Bonita e Cala a Boca) - uma ordem normalmente dirigida a uma mulher nessa idade sexista. A beleza de Delon impôs uma quietude nele, um crescente sentido de que a radiação de seu glamour seria mais forte quando ele estivesse imóvel e simplesmente deixasse que essa face incrível tivesse seu efeito na câmera.

## **{img}grafia: Ronald Grant**

Em seu filme de estreia, Delon interpretou Rocco **{k0}** Rocco e Seus Irmãos de Visconti **{k0}** 1960. Ele é o irmão que vem a Milão para estar com seus irmãos e iniciar uma nova vida aspiracional na suposta capital da prosperidade, mas acaba tragicamente sacrificando seu próprio bem-estar por seus irmãos - especialmente **{k0}** perseguir uma carreira no ringue, onde, como o público certamente saberia, esse belo rosto seria rapidamente danificado. Em O Leopardo (1963), de Visconti, baseado no romance de Lampedusa, Delon foi o belo e patricio Tancredi, herdeiro do turbulento e complexo Príncipe de Salina de Burt Lancaster.

Um papel mais icônico de Delon veio no mesmo ano de Rocco: Tom Ripley **{k0}** Plein Soleil, ou Purple Noon, a adaptação de Patricia Highsmith de The Talented Mr Ripley, a história de um sociopata e assassino com uma habilidade estranha de imitar pessoas. Sempre achei que a perfeição sobrenatural de Delon é assustadora de si mesma, como se ele estivesse imitando um ser humano. Este é um homem, você pensa, que se acostumou a uma expressão adormecida, rapt **{k0}** faces de pessoas que falam com ele, acostumado à **{k0}** submissão admirativa, e ainda com um insight diabólico **{k0}** como essa magnetismo pode ser usado para manipular e coagir.

O Ripley de Delon é um retrato de Dorian Gray de beleza masculina e despreocupação audaciosa, sem perturbação da consciência. Ele foi comparativamente frio e autocontido **{k0}** Deray's psychological thriller La Piscine, ou The Swimming Pool, **{k0}** que a face de Delon poderia ser ela mesma um pool: apenas uma calma ondulante ou agitada com violência.

Ele foi igualmente enigmático e difícil **{k0}** Antonioni's L'Eclisse (The Eclipse) **{k0}** 1962, como o nervoso e vaidoso jovem corretor de valores que embarca **{k0}** um caso com Monica Vitti (uma das poucas co-estrelas femininas que podiam corresponder à beleza e recusa de Delon para revelar uma vida emocional interior). Malle aproveitou a estranheza de Delon ao escalá-lo no conto "William Wilson" do doppelganger de seu filme de antologia Spirits of the Dead **{k0}** 1968.

## **{img}grafia: Allstar/Cinetext/New Yorker**

Mas foi nos filmes de crime de Melville que a imagem de Delon se tornou mais icônica: clarificada, ou possivelmente paralisada por seu próprio senso de **{k0}** imagem. Ele estrelou Le Samouraï (1967), The Red Circle (1970) e o subestimado Un Flic (1972). Em os dois primeiros deles, ele é o vilão, no terceiro o oficial de polícia, mas sempre com essa posse impassível e enigmaticamente enclausurada.

Em Le Samouraï, ele é o assassino frio e sem sorriso com o nome anglicizado de Jef (apenas um "f") Costello **{k0}** um trenchcoat de Bogart, mas a comparação termina por aí. Este assassino tem uma vocação monástica para matar e há algo ascético **{k0}** Costello que corresponde à vontade de Delon de simplesmente impressionar **{k0}** personalidade na câmera, como um ator de filme mudo. Ele é reservado nos outros dois filmes também, especialmente como o policial endurecido que só realmente vem à vida quando responde a um chamado no rádio de seu carro de polícia.

Minha votação, no entanto, para o melhor papel de Delon e o maior logro de Delon é um que cresceu fora dos papéis enigmáticos de crime **{k0}** que ele havia se evoluído na década de 1960

e 70: o mistério doppelganger de Kafka de Joseph Losey, Monsieur Klein de 1976. (Foi submetido à competição {k0} Cannes, perdendo para o Taxi Driver de Scorsese.)

Delon produziu o filme e interpretou Klein, um rico traficante de arte {k0} Paris ocupada com um belo apartamento, uma amante bonita e um elegante círculo de amigos. Ele não tem grandes problemas com os nazistas, especialmente porque eles estão impulsionando seu negócio. Pessoas judias assustadas estão vindo a ele, oferecendo pinturas para venda para financiar {k0} fuga da França, e Klein explora {k0} desesperação para obter barganhas. Mas então ele começa a receber um jornal judeu entregue à {k0} porta: claramente alguém com o mesmo nome dele, um judeu, e um terrível erro foi cometido ... não foi? Ou é alguém tentando desacreditá-lo? Klein vai à polícia para apontar isso, mas então se preocupa {k0} pensar que ele mesmo é um judeu e que isso é uma dupla confusão.

Seus problemas com a autoridade aumentam: ele é incapaz de se queixar com força devido ao medo de que isso apenas o fará parecer culpado. Eventualmente, ele é levado na rodada - uma das representações mais perturbadoras e plausíveis desse vergonhoso episódio histórico francês na tela.

Da mesma forma que o assassino {k0} Le Samouraï, Klein é autocontido e afastado. Cerca de uma década depois do clássico de crime de Melville, a impassibilidade de Delon alcançou algo refinado e mandarim-like, mas moralmente comprometido. Há um gênio {k0} {k0} performance quando ele efetivamente humilha um cliente judeu, obtendo uma imagem barata e, no caminho, este homem aponta a notícia na {k0} esteira - como as que ele mesmo recebe. A face de Delon pisca com medo, surpresa, desgosto, pânico e um claro sentido de que traí-lo qualquer emoção seria uma derrota. De certa forma, isso é seu mestre.

A carreira de Delon foi prolífica e ele teve muitos papéis: talvez seja necessário mencionar seu papel maduro como o epicurista idoso e cantankerous Baron de Charlus {k0} Swann {k0} Love de Volker Schlöndorff {k0} 1984; escalada ingênua, embora Delon não estivesse inteiramente à vontade no papel. Nos últimos anos, Alain Delon tornou-se notório por {k0} admiração macabra pela política de extrema direita do Front National e (como Sean Connery) por algumas declarações odiosas sobre bater {k0} mulheres. Mas ele se redimiou politicamente por seu apoio a Losey e o estudo do antissemitismo que foi Monsieur Klein. Ele era um ícone e um símbolo da beleza perdida dos anos 60.

---

## comentário do comentarista

### Famoso fotógrafo de Alain Delon {k0} 1967 revela {k0} beleza incomparável

Existe uma famosa {img}grafia de Alain Delon {k0} 1967, sentado {k0} um sofá ao lado de Marianne Faithfull, com um tímido Mick Jagger do outro lado dela, supostamente tirada {k0} torno do tempo {k0} que Faithfull estava prestes a estrelar {k0} The Girl on a Motorcycle, {k0} que Faithfull modelou um sleek leather body suit que o personagem de Delon teria grande prazer {k0} desabotoar. Faithfull está inclinando-se intimamente enquanto Delon murmura para ela, rindo, iluminado {k0} {k0} presença, com seu linguajar corporal inteiramente envolvido {k0} seu. Jagger pode apenas olhar para baixo inquietamente para seu cigarro. Mais tarde, Faithfull diria que ela não gostava de Delon nada, mas confirmou que Jagger estava muito ciumento.

Seja como for, é difícil pensar {k0} alguém que, pelo menos por um instante, pudesse ter superado Jagger nesse momento, que pudesse ter atraído o olhar de Faithfull e as câmeras de imprensa para si. E essa é Delon, {k0} toda a {k0} estranha, aterrorizante, quase extraterrestre beleza. Ele foi um dos mais - talvez o mais - belos astros masculinos do cinema {k0} toda a história.

{img}grafia: Moviestore Collection/Alamy

Delon tinha um olhar hipnoticamente demure, com longos cílios e um olhar quase felino que poderia indicar algo misterioso, ferido ou maléfico, e era muito diferente da beleza mais franca de Paul Newman ou Robert Redford - e Delon nunca fez sucesso {k0} Hollywood. Ele tinha um carisma inexplicável para acompanhar {k0} beleza, o perigoso aparente passividade e quietude de um predador, e foi isso que o fez ser escalado para alguns dos filmes de crime mais fascinantes da era (por diretores franceses René Clément, Jacques Deray e Jean-Pierre Melville) bem como o novo cinema de arte italiano de Visconti e Antonioni. Ele era um homem duro e nada afeminado, mas foi {k0} face impressionante que o fez uma figura exótica {k0} histórias de trabalhadores ou dramas de baixo nível.

E foi isso que nos mostrou o efeito aprisionante da grande beleza, um lugar-comum para estrelas femininas, mas raro para homens. Significativamente, seu primeiro crédito de filme foi {k0} um caper de crime de 1958, ao lado de outro novato Jean-Paul Belmondo, chamado Sois Belle et Tais-Toi (Seja Bonita e Cala a Boca) - uma ordem normalmente dirigida a uma mulher nessa idade sexista. A beleza de Delon impôs uma quietude nele, um crescente sentido de que a radiação de seu glamour seria mais forte quando ele estivesse imóvel e simplesmente deixasse que essa face incrível tivesse seu efeito na câmera.

## {img}grafia: Ronald Grant

Em seu filme de estreia, Delon interpretou Rocco {k0} Rocco e Seus Irmãos de Visconti {k0} 1960. Ele é o irmão que vem a Milão para estar com seus irmãos e iniciar uma nova vida aspiracional na suposta capital da prosperidade, mas acaba tragicamente sacrificando seu próprio bem-estar por seus irmãos - especialmente {k0} perseguir uma carreira no ringue, onde, como o público certamente saberia, esse belo rosto seria rapidamente danificado. Em O Leopardo (1963), de Visconti, baseado no romance de Lampedusa, Delon foi o belo e patricio Tancredi, herdeiro do turbulento e complexo Príncipe de Salina de Burt Lancaster.

Um papel mais icônico de Delon veio no mesmo ano de Rocco: Tom Ripley {k0} Plein Soleil, ou Purple Noon, a adaptação de Patricia Highsmith de The Talented Mr Ripley, a história de um sociopata e assassino com uma habilidade estranha de imitar pessoas. Sempre achei que a perfeição sobrenatural de Delon é assustadora de si mesma, como se ele estivesse imitando um ser humano. Este é um homem, você pensa, que se acostumou a uma expressão adormecida, rapt {k0} faces de pessoas que falam com ele, acostumado à {k0} submissão admirativa, e ainda com um insight diabólico {k0} como essa magnetismo pode ser usado para manipular e coagir.

O Ripley de Delon é um retrato de Dorian Gray de beleza masculina e despreocupação audaciosa, sem perturbação da consciência. Ele foi comparativamente frio e autocontido {k0} Deray's psychological thriller La Piscine, ou The Swimming Pool, {k0} que a face de Delon poderia ser ela mesma um pool: apenas uma calmaria ondulante ou agitada com violência.

Ele foi igualmente enigmático e difícil {k0} Antonioni's L'Eclisse (The Eclipse) {k0} 1962, como o nervoso e vaidoso jovem corretor de valores que embarca {k0} um caso com Monica Vitti (uma das poucas co-estrelas femininas que podiam corresponder à beleza e recusa de Delon para revelar uma vida emocional interior). Malle aproveitou a estranheza de Delon ao escalá-lo no conto "William Wilson" do doppelganger de seu filme de antologia Spirits of the Dead {k0} 1968.

## {img}grafia: Allstar/Cinetext/New Yorker

Mas foi nos filmes de crime de Melville que a imagem de Delon se tornou mais icônica: clarificada, ou possivelmente paralisada por seu próprio senso de {k0} imagem. Ele estrelou Le Samouraï (1967), The Red Circle (1970) e o subestimado Un Flic (1972). Em os dois primeiros deles, ele é o vilão, no terceiro o oficial de polícia, mas sempre com essa posse impassível e enigmaticamente enclausurada.

Em Le Samouraï, ele é o assassino frio e sem sorriso com o nome anglicizado de Jef (apenas

um "f") Costello {k0} um trenchcoat de Bogart, mas a comparação termina por aí. Este assassino tem uma vocação monástica para matar e há algo ascético {k0} Costello que corresponde à vontade de Delon de simplesmente impressionar {k0} personalidade na câmera, como um ator de filme mudo. Ele é reservado nos outros dois filmes também, especialmente como o policial endurecido que só realmente vem à vida quando responde a um chamado no rádio de seu carro de polícia.

Minha votação, no entanto, para o melhor papel de Delon e o maior logro de Delon é um que cresceu fora dos papéis enigmáticos de crime {k0} que ele havia se evoluído na década de 1960 e 70: o mistério doppelganger de Kafka de Joseph Losey, Monsieur Klein de 1976. (Foi submetido à competição {k0} Cannes, perdendo para o Taxi Driver de Scorsese.)

Delon produziu o filme e interpretou Klein, um rico traficante de arte {k0} Paris ocupada com um belo apartamento, uma amante bonita e um elegante círculo de amigos. Ele não tem grandes problemas com os nazistas, especialmente porque eles estão impulsionando seu negócio. Pessoas judias assustadas estão vindo a ele, oferecendo pinturas para venda para financiar {k0} fuga da França, e Klein explora {k0} desesperação para obter barganhas. Mas então ele começa a receber um jornal judeu entregue à {k0} porta: claramente alguém com o mesmo nome dele, um judeu, e um terrível erro foi cometido ... não foi? Ou é alguém tentando desacreditá-lo? Klein vai à polícia para apontar isso, mas então se preocupa {k0} pensar que ele mesmo é um judeu e que isso é uma dupla confusão.

Seus problemas com a autoridade aumentam: ele é incapaz de se queixar com força devido ao medo de que isso apenas o fará parecer culpado. Eventualmente, ele é levado na rodada - uma das representações mais perturbadoras e plausíveis desse vergonhoso episódio histórico francês na tela.

Da mesma forma que o assassino {k0} Le Samourai, Klein é autocontido e afastado. Cerca de uma década depois do clássico de crime de Melville, a impassibilidade de Delon alcançou algo refinado e mandarim-like, mas moralmente comprometido. Há um gênio {k0} {k0} performance quando ele efetivamente humilha um cliente judeu, obtendo uma imagem barata e, no caminho, este homem aponta a notícia na {k0} esteira - como as que ele mesmo recebe. A face de Delon pisca com medo, surpresa, desgosto, pânico e um claro sentido de que traí-lo qualquer emoção seria uma derrota. De certa forma, isso é seu mestre.

A carreira de Delon foi prolífica e ele teve muitos papéis: talvez seja necessário mencionar seu papel maduro como o epicurista idoso e cantankerous Baron de Charlus {k0} Swann {k0} Love de Volker Schlöndorff {k0} 1984; escalada ingênua, embora Delon não estivesse inteiramente à vontade no papel. Nos últimos anos, Alain Delon tornou-se notório por {k0} admiração macabra pela política de extrema direita do Front National e (como Sean Connery) por algumas declarações odiosas sobre bater {k0} mulheres. Mas ele se redimiou politicamente por seu apoio a Losey e o estudo do antissemitismo que foi Monsieur Klein. Ele era um ícone e um símbolo da beleza perdida dos anos 60.

---

### Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - Apostas Online Mega da Virada

Data de lançamento de: 2024-10-16

---

### Referências Bibliográficas:

1. [pixbet aviator online](#)
2. [marquinhos sportingbet](#)
3. [166.bet3](#)
4. [melhores plataformas de apostas online](#)